

“Conselho às minhas amigas”: Júlia Lopes de Almeida e o *Livro das Noivas* (1896)

Deivid Aparecido Costruba*

Resumo: A proposta da comunicação visa fazer uma leitura do *Livro das Noivas* (1896), de Júlia Lopes de Almeida, investigando qual era a imagem da mulher para a autora. O livro foi importante em sua época, pois aconselhava, recomendava, repudiava, execrava, divertia e orientava as atitudes das mulheres que nele tinham a ambição de instruir-se. Além disso, o mesmo teve grande vendagem à época, no qual houve diversas reedições pela livraria Francisco Alves. Este trabalho da escritora é importante para o historiador, pois representa o imaginário de Júlia concatenado a sua posição de intelectual na virada do século.

Palavras-chave: Emancipação Feminina, História e Literatura, Júlia Lopes de Almeida.

Abstract: The proposal of the communication aims do a reading of the *Livro das Noivas* (1896), of Júlia Lopes de Almeida, investigating what I was woman's image for the author. The book was important in her time, because it advised, recommended, repudiated, detested, had a good time, and it guided, the women's attitudes that in it had in ambition of instructing themselves. Moreover, the book was very sold to the time, in which there were several re-editions by the bookstore Francisco Alves. This writer's work is important for the historian, because it represents the imaginary of Júlia concatenated her position of intellectual in the turning of century.

Keywords: Feminine Emancipation, History and Literature, Julia Lopes de Almeida.

No final do século XIX, o Brasil passava por transformações muito rápidas em diversos campos: na política, na economia e na cultura. Depois da abolição da escravidão e posteriormente da proclamação da República, o país defrontou-se com uma profunda crise de valores, conseqüência do processo de urbanização, industrialização e instauração do recém adquirido sistema de trabalho livre e assalariado. As mulheres também mereceram destaque nesta conjuntura. Na luta pela emancipação e posteriormente ao direito de voto, buscaram igualar-se aos homens em relação ao acesso à instrução. Foi sob a égide da *Belle Epoque* que esses interessem se confrontaram e se intensificaram.

A autora do *Livro das Noivas* (1896) foi uma das grandes responsáveis e incentivadoras da instrução feminina no país. Em um breve relato apresentar-se-á a biografia da literata aqui retratada, pois sua vida intelectual, pessoal, matrimonial e de mãe foram sobremaneira unidas.

* Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Mestrando – bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior).

A polígrafa Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida nasceu no dia vinte e quatro de setembro de 1862 no casarão da Rua do Lavradio nº53, no Rio de Janeiro. Filha de Antônia Adelina Pereira, natural de Lisboa e do médico português Valentim Lopes. Primeiramente a família mudou-se para Nova Friburgo, na qual com poucos anos de idade Julia aprendeu a ler e escrever com a mãe. Após a estada em Nova Friburgo, a família mudou-se para a cidade de Campinas em 1869. Desde menina, Júlia demonstrou forte inclinação para as letras, embora em seu tempo, não fosse de bom tom e do agrado dos pais uma mulher dedicar-se à literatura. Quando pequena, foi delatada por sua irmã ao seu pai porque fazia versos:”- Papá, a Júlia faz versos! [Ao que Júlia confessa]: (...) tinha uma grande vontade de chorar, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias”.(RIO, 1994, p.28-37)

A sua condição feminina a impedia de escrever, pois a pressão e coerção social a amedrontavam. Nas palavras de Júlia:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri – los. Fechava - me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas [...] De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: Já vai! Já vai! (RIO, 1994, p.29)

Na mesma Campinas Júlia iniciou sua carreira literária no jornal *A Gazeta de Campinas* em sete de dezembro de 1881. Colaborou na revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro e dirigida por Valentim de Magalhães e Filinto de Almeida, jovem escritor português. Desta relação nasceu um romance entre Julia e Filinto. Além da Revista *A Semana* Júlia colaborou com diversos jornais e revistas femininas.

A estréia da escritora na vida literária foi com a produção “Contos Infantis”. Uma obra de sessenta narrativas em verso e prosa, escritas em colaboração com sua irmã, Adelina A. Lopes Vieira e destinadas à diversão e instrução da infância. Com o sucesso imediato publicou também outras obras dentro da linha nacionalizante e didática. São exemplos “Histórias de Nossa Terra” (1907), “Era uma vez”(1917) e “Jardim Florido”(s/d).

Julia teve apoio do marido e incentivo para seguir na carreira literária. Em 1891, iniciou-se como romancista com “A Família Medeiros” (publicado em folhetins na *Gazeta de Notícias* – RJ e em livro em 1919). Seguem-se vários outros títulos: *A Viúva Simões* (1897); *Memórias de Marta* (1899), *A Falência* (1901), alternadas com peças de teatro que eram representadas, em geral por grupos amadores em saraus sociais. “Com seu novo livro *A Falência*, a sra. D. Júlia Lopes de Almeida toma decididamente lugar ... entre os nossos romancistas.”

(VERÍSSIMO, 1910, P.141-151). Atenta à condição da mulher na sociedade, em 1906, publicou o *Livro das donas e donzelas*.

Um de seus livros de maior repercussão foi *Correio da Roça* (1913). Com uma linguagem simples em forma epistolar, fez apologia da vida no campo em contraposição à vida fútil da cidade. Tudo isto, porque no início do século XX, as mudanças da *Belle Epoque* fazem com que trabalhadores deixem o campo (êxodo rural) para ir para a cidade, preocupando as autoridades.

Júlia Lopes de Almeida deixou uma obra vasta e extensa que analisou a vida cultural, social e política de sua época. Enfrentou desde as críticas mais ferrenhas e exacerbadas até críticas que possibilitaram a sua melhor formação intelectual. Esses críticos formavam uma tríade: José Veríssimo, Araripe Júnior e Sílvio Romero. O primeiro sempre elogiava os trabalhos de Júlia:

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dois autores de obra considerável e de nomeada – D. Júlia Lopes de Almeida e o Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe (sic) prefiro de muito D. Júlia Lopes. (VERÍSSIMO, 1919, p.217-220)

Os dois últimos a ignoravam completamente como atestavam seus respectivos estudos críticos literários sobre a literatura brasileira. Agripino Grieco, crítico literário posterior, elogiou a produção de Júlia, mas de forma ambígua e contraditória. Consideraram-na como uma escritora de menor porte, ao ressaltar que suas obras eram “(...) *epopéias domésticas que foram nossa Bibliothéque Rosé*”. (GRIECO, p.1947, p.129-146)

Julia faleceu em 30 de maio de 1934 de malária, adquirida em viagem à África ao visitar uma das filhas, Lúcia Lopes de Almeida Noronha. Morreu aos setenta e dois anos quando escreveu seu último romance “Pássaro Tonto” (1934). Mesmo depois de sua morte Júlia foi reconhecida pelos seus pares, que lhe trataram carinhosamente como “D. Júlia”. Segundo Lúcia Miguel Pereira:

Júlia Lopes de Almeida, na verdade, é a maior figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu com os críticos e com o público; todos os seus livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos (PEREIRA, 1957, p.255-271).

Acreditou-se oportuno o painel biográfico da escritora acima retratado neste trabalho, mas a discussão que será feita a seguir é a posição da escritora em fins do século XIX e começo do XX em relação ao ensinamento, momento este que militou a favor da instrução das “donas e donzelas”.

Esta instrução se deu em alguns livros da escritora, mas a análise aqui proposta será feita em apenas um deles, o compêndio intitulado *Livro das Noivas* (1896). A necessidade de se escrever um livro deste porte se deu no quadro de mudanças em que se encontrava a capital fluminense, pois havia um processo de transição na sociedade, na qual ela passaria de uma sociedade senhorial, de base essencialmente agrária, para uma burguesa, progressivamente urbana e industrial.

Neste sentido, as mulheres se dedicariam e se adaptariam às novas relações sociais da cidade, bem como os desafios da educação e formação profissional, em contrapartida a vida anterior a esta mudança, em que se dedicavam ao trabalho privado da casa. Sob a égide da República que alvorecia e preocupada com a reviravolta que ocorria no universo feminino a partir de então, Júlia Lopes de Almeida escreveu este primeiro livro voltado para as moças inexperientes que tinham a intenção de se casar.

O interessante no livro é o tom de intimidade que a escritora conduziu à narrativa. No momento em que chamou suas leitoras de amigas e deu seu próprio nome à personagem, quebrou todos os “muros” que cercam o leitor e o escritor, no que evidencia-se o tom afetivo de sua narrativa. Para respaldar este tom entranhável da escritora, ela apresentou-se no livro como uma “velha conhecida” para suas leitoras. Aquela que vivencia várias experiências que são comuns a todas as outras mulheres, entre elas, mães, moças, senhoras, noivas com quem Júlia procurou dialogar e ter uma íntima relação. Este tom ainda ressoa nas palavras “as minhas leitoras que me desculpem, lembrando-se que isto não é literatura, mas uma palestra apenas.” (ALMEIDA, 1905, p.178)

O livro possui uma dedicatória, denominada “A Meu Marido” e essa passagem de amor pressupõe a paixão que a escritora nutria por Filinto com o qual foi casada por mais de quarenta anos. Seguem-se as palavras que efusivamente a literata conclama ao seu esposo:

Meu Filinto,

Lês na minh'alma como em um livro aberto. Não tenho pensamento que te não comunique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguém, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d'estas paginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos aparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração. Não te dou um livro litterario, mas dou te um livro sentido, o que segredei todas as minhas alegrias e tristezas.

Tu, que tens, com igual carinho e bom conselho, participado de uma e de outras, acolhe-o bem, que vai nele todo amor da tua.

Julia.

(ALMEIDA, 1905, p.07)

O restante do livro é dividido em três partes. A primeira consiste nos seguintes ensaios: *O dia do casamento*, *Saber ser pobre*, *A roupa branca*, *A poesia da vida*, *Os doentes*, *Os livros*, *Bellas artes*, *Concessões para a felicidade*, *Os bailes*, *As jóias*, *Os pobres*, *Falta de tempo*, *Carta a uma noiva*.

Nestes ensaios o conselho foi dirigido às damas e donzelas nubentes, que aspiravam ensinamentos referentes ao grande dia de suas vidas, o casamento, bem como instrução em relação à convivência social, ao saber portar-se em situação de pobreza, observações referentes ao altruísmo e o principal eixo que praticamente em todas as suas obras pode-se encontrar, o incentivo a leitura. Percebe-se na narrativa uma preocupação em preparar as noivas para os conflitos e tramas que envolvem o casamento, o comportamento e os primeiros anos de vivência em uma situação de contubérnio.

O ensaio inaugural do livro é *O dia do casamento*, há uma reflexão sobre todas as aflições das noivas no momento em que antecede o grande dia. O momento de dúvida, resignação, felicidade, clamor é evidenciado pela escritora em um “estado incerto, dúbio, o da noiva, ao ver aproximar-se a hora do seu casamento. Sente-se feliz; sente-se desditosa!” (ALMEIDA, 1905, p.11).

O empenho da mulher no lar, de uma maneira geral, tende a ser característica universal para as aquelas que aspiram à felicidade. A responsabilidade da mulher para conduzir tal quesito ocasionará o prover de bons cidadãos para a pátria, quando mãe e maior exemplo de dignidade e de moral, quando esposas.

Não te resignes a ser em tua casa um objeto de luxo. A mulher não nasceu só para adorno, nasceu para a luta, para o amor e para o triunfo do mundo inteiro!
[...]
A felicidade humana deriva do que vive sob a nossa responsabilidade. É a nós, como mães, que a pátria suplica bons cidadãos; é de nós, quando esposas, que a sociedade exige maior exemplo de dignidade e moral. (ALMEIDA, 1905, p.13)

Além disso, apesar de várias mulheres acreditarem que o papel das esposas e mães era ínfimo na sociedade, a escritora rebateu este paradigma exaltando que o papel que os homens confiaram-na é sagrado, visto que este é incumbido pela sociedade que suplica bons cidadãos e maior exemplo de dignidade e moral. Segundo Júlia Lopes, “... com a educação superficialíssima que temos, não meditamos nisto, e levamos de contínuo a queixar-nos de que é nulo o papel que nos confiaram... Como poderíamos, todavia, encontrar outro mais amplo e mais sagrado?” (ALMEIDA, 1905, p.13)

Ao concluir sua exposição o conselho é para que todas as mulheres amem seus maridos, para enfrentar os dias lúgubres e felizes do casamento.

Ama sempre teu marido, sem humilhação, com sinceridade e alegria. Está nisto o segredo da ventura na terra. Que ele te ame igualmente, com o mesmo extremo, o mesmo carinho, e caminhem assim, fortes, unidos e serenos para os dias de risos ou de lágrimas que hão de vir. (ALMEIDA, 1905, p.14)

Outro ensaio importante na primeira parte do livro é o intitulado *Os livros*. Neste, Júlia condenou aqueles pais que não queriam enriquecer a cultura de suas filhas. Elas, sabendo que não poderiam tocar nos livros:

...começavam a mentir-lhes, lendo às ocultas no seu quarto, de noite. Perdem assim as horas consagradas ao repouso, tão necessário à saúde; de manhã estão pálidas, abatidas, nervosas, alegando uma doença qualquer, como desculpa dos olhos pisados e do cabelo em desalinho; sentam-se à mesa sem apetite, com um modo pasmado, a alma suja pelas novelas prejudiciais, insalubres, recheadas de aventuras românticas e de heróis perigosos ” (ALMEIDA, 1905, p.36).

Assim sendo, os pais são os responsáveis por este desmazelo, nas palavras da escritora se:

os pais as acostumasse aos bons livros; se, em vez de os apontar como nocivos, as buscasse como profícuos, escolhendo-os criteriosamente; se lhes fizesse compreender as mais brilhantes páginas da história, se guiasse o espírito indeciso das crianças pelo caminho honesto da verdade e da franqueza; se as fizesse estudar e meditar bons autores, apontando-lhes belezas ou defeitos, e criando-lhes uma educação perfeitamente sólida, elas não leriam por certo contos mal traduzidos nem pouco morais e fugiriam espontaneamente de gastar o seu tempo e de estragar o seu gosto. (ALMEIDA, 1905, p.36)

É notório que para a escritora de *Livro das Noivas* a leitura é fundamental para o bem-estar do lar e para o próprio bem-estar de sua vida social, sendo que os livros influenciam diretamente na administração doméstica. Destaca-se a importância do livro e da estante da mulher leitora.

O livro é um amigo; nele temos exemplos e conselhos, nele um espelho onde tanto as nossas virtudes como os nossos erros se refletem. Repudiá-lo seria loucura; escolhê-lo é sensato. A estante de uma mulher de espírito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a aprender e conservar o que ler; que souber que isso a instrui, a torna apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas... (ALMEIDA, 1905, p.38).

A segunda parte consiste nos seguintes ensaios: *A mesa, A cozinha, Os animais, As aves, Os criados, Notas de uma ménagère, Floricultura, Horticultura, Da sala à cozinha*. Nesses os ensinamentos retratados são para as mulheres que já estavam casadas, vivendo com seus maridos. As instruções recaem no aperfeiçoamento da mulher em relação aos seus afazeres de *ménage*. Como se portar em determinadas situações domésticas, como organizar e disponibilizar os vários recintos da casa, como é a relação *ménage* e criado e dicas para as mulheres aperfeiçoarem-se em floricultura e horticultura.

No ensaio denominado *Notas de uma ménagèrie*, há a preocupação de como deve ser escolhida a residência da família e também de como desinfetar a casa se antes a mesma já ter sido habitada por outras pessoas. Como se daria este procedimento? Segundo Almeida, "...procura habitação arejada, clara, seca e, se pode ser, perto do arvoredo. Antes da mudança manda desinfetar a casa com todo o rigor, desde a porta da rua a do quintal" (ALMEIDA, 1905, p.127). E ainda ressalta que "... procura saber se na casa morreu alguém e de que morreu. Nem é preciso ter morrido, basta ter havido algum doente de moléstia contagiosa para o perigo ser enorme" (ALMEIDA, 1905, p.127)

A terceira parte consiste nos seguintes ensaios: *Uma carta, Ser mãe, Entre dois berços, As crianças, Educação, Carinhosa hospitalidade, Carta de uma sogra*. Essa última parte finaliza a seqüência de pensamentos da autora, no qual a mulher já se preparou para o matrimônio; já sabe administrar um lar, tanto do ponto de vista físico – como a disposição dos móveis pela casa - quanto à relação da esposa com o conhecimento, bem como o trato aos seus criados. Porém, ainda há uma última preocupação com a incumbência de instruir as damas para ser mãe. Como uma mãe deve se portar? Como educar seus filhos? E como às vezes uma sogra pode representar o papel de mãe de uma nora.

Neste último percurso, merece destaque o texto intitulado *Ser Mãe*. Neste, o ideal de mulher é aquela que abdica de alguns prazeres que lhe agradam para dedicar-se exclusivamente nesta árdua tarefa que é cuidar dos filhos. Consoante a Júlia:

Ser mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegância; é deixar de aparecer nos bailes em que a vigília se prolonga, o espírito se excita e o corpo se cansa no gozo das valsas; é não sair sem temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependência do terror imenso de que sua saúde sofre e reflita o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em sonos curtos, leves, com o pensamento sempre preso a mesma criaturinha rósea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magoa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções – mas qua a faz abençoara ignota Providência de a ter feito mulher, para poder ser mãe! (ALMEIDA, 1905, p.172)

Como o objetivo desta comunicação é apenas alguns percursos desta pesquisa, não será possível uma análise minuciosa do *Livro das noivas* (1896), pois, essa será melhor detalhada com a confecção da dissertação de mestrado, cujo título será “*Conselho às minhas amigas*”: *A imagem da mulher na obra de Júlia Lopes de Almeida (1896 – 1910)*.

Até aqui, percebeu-se que neste primeiro livro, Júlia Lopes de Almeida confrontou-se com duas responsabilidades: primeiro, preservar a imagem da mulher de mãe zelosa e afável, e segundo, a tarefa incumbida a ela por sua atual situação à época – a de ser o maior nome entre as mulheres intelectuais do país. Neste sentido, Júlia Lopes foi à transmissora de um padrão instrucional para estas damas e donzelas de fins do século XIX. Como mencionou Ana Maria Magaldi, “... D. Júlia tinha experiências que contrastavam com aquelas vividas pela maioria das mulheres. Dominava saberes que suas leitoras não tinham, e assumia a missão de transmiti-los” (MAGALDI, 2008, p.82-85).

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Júlia Lopes. *Livro das noivas*. 2ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia, 1905
- BRAZIL, Érico Vital; SCHUMAHER, Schuma. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2000.
- DE LUCA, Leonora. *Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/IFCH, 2004.
- COUTINHO. Afrânio, SOUZA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: FAE, 1989.
- GRIECO, Agripino. Contistas maiores e menores. IN: _____. *Evolução da prosa brasileira*. São Paulo: José Olympio, 1947. v.3.
- MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Assim falou D. Júlia. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, nº38, p.82-85, 2008.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção: de 1870 a 1920*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Depto. Nacional do Livro, 1994.
- VERÍSSIMO, José. Um romance da vida fluminense. IN: _____. *Estudos de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.
- _____. *Letras e literatos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1919.